

# AÇÃO DIRETA

SEMÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Director: JOSÉ OITICICA

Os que ficam adormecidos não podem semear; os que pensam na colheita, semeiam duvidosos.  
Semei, anarquistas, sem pensar em recompensas e vencereis.

ANO I

Rio de Janeiro — Sábado, 20 de julho de 1946

N.º 14

## Neste 19 de julho A TRAIÇÃO DO TEATRO

P. FERREIRA DA SILVA

**Recordemos os 372.000 antifascistas covardemente fuzilados durante dez anos pelas hordas Franco-falangistas em diversas regiões da Espanha**

“Na Espanha sobram dois milhões de pessoas”...

Esta afirmação foi feita pelo fatídico Franco num discurso pronunciado em 1939 e no qual aconselhava o extermínio dos espanhóis que não aceitavam a sua funesta doutrina totalitária.

O cruel ditador cumpriu fielmente a sua terrível ameaça, pois, durante os dez anos em que vem oprimindo o povo espanhol — 19 de julho de 1936 a 19 de julho de 1946 — fez fuzilar 372.000 pessoas; mais de 200.000 sofrem nos cárceres e campos de concentração e cerca de 1.500.000 vivem exilados na França, Inglaterra e países da América Latina.

A melhor homenagem que podemos prestar nesta data aos heroicos combatentes da resistência espanhola é denunciar, às consciências honradas do mundo, os crimes monstruosos cometidos pelo franquismo durante os 10 anos decorridos desde o início da sublevação.

### Os fuzilamentos

Informações verídicas que desafiam qualquer desmentido

Em Madrid (capital) número de fuzilados . . . . .	50.000
Barcelona . . . . .	40.000
Astúrias . . . . .	60.000
Badajoz . . . . .	3.700
Zamora . . . . .	20.000
Santander . . . . .	10.000
Miranda de Ebro . . . . .	600
Sevilha (capital) . . . . .	20.009
Sevilha (provincia) . . . . .	40.000
Valladolid . . . . .	5.000
Jerez de la Frontera . . . . .	3.000
Nas quatro provincias da Galícia . . . . .	120.000
<b>Total</b>	<b>372.000</b>

### Detalhes horríveis

Dos 40.000 fuzilamentos de Barcelona 2.000 foram no bairro operário de Pueblo Nuevo. Em Navalvillar de Pola (Badajoz) povoação de 6.000 habitantes foram fuzilados 1.700. Em Moron de la Frontera (Sevilha, localidade de 18.000 habitantes) foram fuzilados 2.500 e, na provincia de Zamora, de uma só familia foram fuziladas 11 pessoas...

### Um 14 de abril trágico

Um funcionário do Ministério da Justiça franquista, cujo nome não foi divulgado — como é lógico, já que sua vida correria perigo — enviou ao exterior a seguinte informação:

«Comemorando o 14 de abril de 1945, data que recorda a proclamação da república, Franco fez fuzilar 105 condenados à morte, distribuídos da forma seguinte: Madrid, 19; Chinchilla, 8; Melilla, 9; Bilbao, 5; Cádiz, 1; Puerto de Santa Maria, 8; Guadalupe, 3; Ocaña, 10; Jaen, 2; Santander, 1; Mérida, 4; Córdoba, 3; Alicante, 2; Ciudad Real, 1; Avila, 1; Badajoz, 2; Alcazar, 2; Cartagena, 11; Almería, 1; Barcelona, 12; Betanzos, 1; Ceuta, 12; Valência, 3; Málaga, 1; Sevilla, 3. Total . . . . . 125.

No primeiro trimestre de 1944, foram fuzilados na Espanha, 891 pessoas e, no segundo trimestre, 1.170. Desses fuzilamentos, 576 foram efetuados em Madrid.

Eis aqui um balanço trágico dos crimes cometidos pelas hordas Franco-falangistas desde o dia 19 de julho de 1936, quando, com o auxílio direto das potências do Eixo e a passividade suicida das chamadas nações democráticas, o fatídico caudillo deu início à terrível guerra civil, na qual o povo espanhol, defendendo a sua liberdade, escreveu, com seu sangue generoso, uma das páginas mais gloriosas da história humana. . . .

Nosso abraço aos mártires da resistência espanhola.

## SOMBRAS RUSSAS!

As cousas na Rússia não parecem muito cor de rosa. Não digo vermelhas porque nunca o foram; foram sempre de um preto fascista, que Mussolini macaqueou.

Com efeito, a primeira sombra é a miséria negra do *paratso proletário*, miséria tal, que a UNRRA teve de acudir com inscrições de estarrecer o mundo.

Mas, houve um telegrama de Moscou ainda pior. Comunica-se nele que o jornal soviético *Estrela Vermelha* dá como assinado por Stelin um decreto com re-

gulamentação nova para o exército e marinha. Nesse regulamento, exige-se, das forças armadas, estrito cumprimento da *delicadeza militar* e da *continência*.

Quem lê com atenção fica logo matutando: «Que diabo disto é aquilo?»

Os soldados e oficiais soviéticos não eram ou não são delicados uns com os outros nem gostavam muito da continência!

Isso quer dizer: não estavam externamente bastante aburguesados. Faltava-lhes esse verniz

(Continua na 3ª pag.)

No teatro, como na literatura e nas artes, encontram-se bons e maus exemplos, há benefícios e prejuízos para a cultura do povo. A cultura do povo é necessária, porque, sem ela, nunca se criará uma inteligência coletiva capaz de associar às comodidades físicas os prazeres do espírito, tornando a vida uma coisa elevada em que o indivíduo não seja apenas a máquina de produzir e o repositório de sensações brutais. E' para servir a cultura dos trabalhadores, cumprindo sua missão educativa, o teatro tem obrigações que não pode falsear. Quando falta a essas obrigações, o teatro é um agente de traição social.

Sendo constante veículo de teses e doutrinas diversas e contraditórias, cria o teatro, entre os que dele vivem, um estado peculiar, com práticas de moral muito a seu modo. Não se pretenderá que os artistas do palco reproduzam de todo a personalidade das figuras que interpretam quando saem da cena e vivem, como qualquer de nós, os dificuldades e os conflitos da existência humana. Mas é curioso observar que, vistos de mau modo pelas respeitáveis familias burguesas onde impera o preconceito, sofrem muitas vezes, na vida real, o desprezo daqueles que os aplaudem e glorificam na cena.

Em tudo isso, há um fenômeno sociológico a considerar. Os cômicos foram, desde tempos remotos, uma espécie de classe desprezível, que a hermetica moral religiosa repudiava. Mas a sociedade servia-se deles para extravasar os assomos de crítica ou rebeldia contra os tiranos, em forma de peças que havia sempre o recurso de fingir que não se tomavam a sério, para continuar bajulando hipocritamente as castas dominantes.

Talvez por influência dos caracteres diversos, a que profissionalmente dão interpretação e forma, os artistas do palco têm, na verdade, em seu modo de viver, algo que os faz independentes e livres de preconceitos. E' por isso mais estranho ainda que, no teatro, continuem a imperar tantos preconceitos, dos quais nem os autores mais ousados muitas vezes se livram.

## O Estado -- Fé

Todos nós nos servimos, dez vezes por dia, da palavra Estado sem perguntar, sequer, o que seja Estado. Quase ninguém suspeita da existência do Estado como corpo real com qualidades individuais.

Os grandes filósofos, com seus estudos sobre princípios e causas, escreveram livros profundos e os historiadores falamos do Estado como se fôra ser vivo. Nas universidades, onde se ministra ensino superior, dão-se lições sobre esse tal ser: o Estado, sem pôr-se em dúvida a idéia fictícia do mesmo. Porém, nenhuma dessas autoridades científicas é capaz de nos dar satisfatória explicação da sua origem. Ninguém sabe quando ou porque as antigas sociedades se converteram em nação, em Estado.

Todas as tentativas para solucionar o tema: que é o Estado?, ficaram, até hoje, sem resposta.

O filósofo que mais profundamente versou o assunto foi Fichte. Disse ele: «O Estado é o direito transformado em força natural; é alguma coisa indefinível que para sobre o indivíduo». Nietzsche é da opinião de que «o Estado é o monstro mais frio de todos os monstros frios: é o ídolo novo». Esta definição é mais concreta e dispensa interpretação; mas, a explicação de Fichte é muito obscura e por isso requer mais esclarecimento.

E' indefinível uma coisa quando não se pode patentear a sua natureza. Logo, segundo a definição de Fichte, o Estado é

uma cousa que não podemos perceber por meio dos sentidos ordinários. Não é sujeito, nem objeto. Ao contrário, deve ser cousa misteriosa, pois é cousa de que não se pode dizer o que é.

Mas Fichte explica tão inexplicável ser quando diz: «E' o direito que se transformou em força». Aqui aparece o direito como sinônimo de força. Em poucas palavras poder-se-ia definir: «O Estado é a força e essa força é o seu direito». Força é uma causa definível. Então, que vem a ser aquela cousa indefinível de Fichte?

Há de ser, indubitavelmente, algo abstrato, algo existente só em nosso cérebro, pertencente, por isso, ao mundo sensível.

Compreendido assim, e não se pode compreender de modo diferente, o Estado nada mais é que uma fé, mera ficção, fantasma com aparência de corpo real e, portanto, uma fé que nossa fantasia transformou em ser vivo.

Que é uma fé? Uma fé é uma verdade suposta, uma verdade sem provas e, por isso, uma verdade subjetiva. Torna-se, por isso, irmã gêmea do fanatismo e sua sede é a própria imaginação do indivíduo. Encontramo-la, principalmente, nas criaturas sem vontade própria. Com ela, criaram os homens, no decurso da história, muitos ídolos, seres irrealis, a que se sacrificaram hecatombes.

A fé transforma-se em realidade pela sugestão. Essa influência da nossa vontade é muito variada e intensiva. Começa no dia do

## Retificação

Em nosso número passado, no editorial *Viva a Democracia*, saiu, por engano, a data 1938, onde deveria estar 1918. Realmente, o Centro Republicano Espanhol já existia no Brasil àquela data. E' anterior, portanto, à própria República Espanhola.

Isso agrava, ainda mais, o injustificável arbítrio do seu fechamento num país dito democrático.

Renovamos aqui nosso protesto, embora os potentados riem dos protestos da imprensa livre.

O fascismo perpetua-se!

## AVISO

Pedimos aos colaboradores que, dada a pequenez de *Ação Direta*, reduzam seus artigos o mais possível. Temos em nossa mesa várias colaborações que, por demasiado extensas, não podem ser publicadas, embora excelentes.

nascimento e acaba no leito de morte. O resultado é que os homens obedecem a tal suposto ser e o adoram com a mesma reverência que os leva a acurvar-se perante Deus sem duvidar ou sem querer confessar que tantos os deuses como o Estado são probabilidades muito problemáticas.

Estudaremos em outro artigo o Estado-Força.

# DOCTRINA

NESTA PÁGINA DOCTRINÁRIA, INSERIREMOS, TRADUZIDOS, ARTIGOS DE MILITANTES ESTRANGEIROS NUMA SELEÇÃO CUIDADOSA. PRETENDEMOS QUE OS ANARQUISTAS BRASILEIROS PARA OS QUAIS, NA MAIORIA, É INACESSÍVEL A IMPRENSA ANARQUISTA MUNDIAL, TENHAM CONHECIMENTO DOS ESCRITORES ANARQUISTAS MAIS REPRESENTATIVOS DO PASSADO E DO PRESENTE.

## O plebiscito e os anarquistas A IGREJA NAS ESCOLAS

Traduzimos o admirável editorial de L'Adunata dei rifrattari, número de Junho, 15, onde se define excelentemente a ilusão do voto, ilusão perigosa até para os que se dizem anarquistas.

O Libertário de 22 de Maio publica um artigo intitulado Assalto ao referendun onde se lê isto:

Nós anarquistas, estamos prontos às duas eventualidades. Contra o bonapartismo dos militares intrigantes, de impossível regresso, a serviço inconsciente ou desejado de castas políticas e corrilhos capitalistas, descenderemos à rua ao lado de todos os homens amantes da liberdade e da justiça social. Contra a insídia legal de monobras eclesiásticas, tendentes a salvar a instituição monárquica, ao menos o seu ridículo coroado de última hora, estamos decididos a participar do plebiscito — mas só para isto — para dar nosso não à monarquia, para condená-la em seus odiosos representantes e em seu instituto de origem divina. Temos de vencer muitas relutâncias, mas fá-lo-emos para que não fique a menor dúvida de que nada faltou para abater o rei: do revólver de Gaetano Bresci ao plebiscito de 2 de Junho.

Passou o dois de junho. Os de Milão depuseram seu não nas urnas do plebiscito, e a discussão só pode ter valor retrospectivo ou teórico.

Mas, para que incomodar Gaetano Bresci? Nada comum existe entre o ato de revolta e o voto. O primeiro é implicitamente negação, repúdio absoluto ao instituto contra que se executou e, ao mesmo tempo, é integral afirmação da vontade dos rebeldes de traçar seu próprio destino. O segundo, ao contrário, embora não direto contra a monarquia, constitui uma aceitação implícita do sistema majoritário e, portanto, da própria monarquia caso fosse o número de não superado pelo número de sim.

Gaetano Bresci disse: a monarquia é bárbara e eu combato-a sem quartel; mas os anarquistas de Milão disseram: somos contra a monarquia e confiamos sua sorte à decisão da maioria. Não acrescentaram que, se a maioria se houvesse declarado em favor da monarquia, eles, os anarquistas de Milão, a teriam aceito como legítima expressão da vontade do povo eleitor; porém isso estava implícito no fato de sua aceitação do plebiscito como expressão da vontade popular.

Bresci não perguntou ao povo que pensava da instituição monárquica. Disse ao povo que a instituição monárquica era um resquício de barbaria e sacrificou-se para proclamar a profundidade de sua convicção.

Nem todos podemos fazer o sacrifício de Bresci, mas todos devemos procurar manter coerência, harmonia entre os princípios professados e nosso comportamento.

Se aceitamos a legitimidade do sistema majoritário no referente à instituição da monarquia, porque não devemos aceitá-lo no referente às outras instituições do Estado e da sociedade? Se o sistema eleitoral é válido para decidir-se sobre o monarcado, porque deixaria de ser válido em se tratando da Constituinte, do poder legislativo, do poder executivo ou do poder judiciário? Não é a coroa parte integrante de cada um e de todos os poderes?

Os anarquistas eleitores de Milão caíram na armadilha da demagogia eleitoral e enguliram o anzol dos sofismas que insuflavam ser votos para a monarquia fascista qualquer abstenção. E fizeram mal. E fizeram mal não somente à sua coerência, mas ainda à sua inteligência.

A monarquia foi abatida, não pelas eleições do dois de junho, mas pela revolução antifascista de que participaram eles próprios, os anarquistas de Milão, como os de alhures, tão conspicuamente.

A Federação Juvenil Anárquica Pré-montesa publicou o seguinte manifesto:

Entre as muitas heranças deixadas pelo fascismo e zelosa mente conservadas e tuteladas pelos governos da chamada democracia, é o ensino religioso nas escolas o que mais fortemente contrasta com a nossa consciência de homens livres.

Com o vergonhoso tratado de Latrão, torpe mercado entre Estado e Igreja, fez-se o Vatica-

no cúmplice do nefasto regime fascista, desejoso de poder plasmar os cérebros das crianças conforme os seus recônditos fins, os de preparar, não verdadeiros homens, mas dóceis e resignados escravos, submissos a quaisquer opressões.

Os homens livres de todos os que anelam por uma sociedade redimida de toda escravidão

moral e intelectual devem opor-se, com todas as forças, à escandalosa violação da liberdade de consciência representada pelo ensino religioso em nossas escolas.

Nossos jovens devem ter a possibilidade da pesquisa racional, e objetiva sem terem os cérebros empanados pelo dogma e turvos de superstição religiosa.

Nossos rapazes devem conservar personalidade própria e desenvolver seu íntegro senso crítico.

A escola, assim liberta de todo preconceito, poderá guiar à pesquisa das supremas verdades científicas e morais sem deformar a visão real e racional da vida e seus problemas.

De Giordano Bruno a Galileu, de Pasteur a Francisco Ferrer, tem sido a luta pelo progresso uma contínua, tenaz batalha contra o obscurantismo dogmático.

Com a Revolução Francesa de 1789, deu a humanidade passos notáveis para as supremas afirmações da verdade e da liberdade de pensamento.

Não retrogrademos!

Liberte-se a escola de toda influência religiosa deletéria.

Respeite-se, na escola, a mais ampla liberdade de consciência.

Dê-se às crianças uma educação racional, positiva e sã, alijado não em dogmas, mas na razão e na verdade.

Faça a Juventude Anarquista Brasileira muito suas as sólidas idéias manifestadas por sua congênere italiana.

São os votos de Ação Direta!

Lau-tse, filósofo chinês, dizia 604 anos antes de Cristo, estas verdadeiríssimas palavras:  
administração sem governo — povo alegre  
administração com governo — povo triste

Palavras de Stirner

Roubam vos certos espertalhões a liberdade de falar e logo percebem muito bem as vantagens temporárias disso, pois talvez tenham de dizer alguma couza que lhes abateria o crédito. Se eles, vos concedem certa liberdade, procedem como velhacos que dão o que não têm, pois não vos dão o que lhes pertence, dão-vos mer-

cadoria roubada, dão-vos a vossa própria liberdade, liberdade que vós mesmos devíeis tomar. Eles vo-la doo exatamente para que vós não lha tomeis responsabilizando os ladrões e os patifes.

Em sua esperteza, sabem muito bem que liberdade outorgada não é liberdade, pois somente a liberdade tomado navega a todo pano

As eleições do dois de junho, organizadas durante um ano de intrigas, sob os auspícios da monarquia fascista, em regime de ocupação militar e profundo esfacelo social, não foram mais que uma desesperada tentativa de salvar a instituição monárquica junto com o regime capitalista.

A tentativa só vingou em parte: não salvou a monarquia mas salva os monarquistas.

E aos anarquistas de Milão há de ficar a satisfação dúbia de haverem concorrido, com seus votos, para essa salvação.

Com efeito, é puro sofisma dizer como disseram eles:

«Diremos não ao carnavalesco fantoche do Quirinal, mas não diremos sim a nenhum dos partidos que nos vão dar uma república de politcantes apenas desejosos de escalar o poder.»

Indo votar contra o rei, votaram na realidade pela república e, votando pela república, votaram por TODOS os partidos sequiosos de escalar o poder. O Estado burguês não abrange somente os que votam sim, abrange também os que dizem não.

Pior ainda; mostraram crer que a votação feita na Itália, nas desgraçadas condições em que se acha atualmente o povo italiano, pudessem ser cousa séria, E isso é o cúmulo.

## A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITKICA

Continuação do número 13)

59 — *Limitação da prole* — Nos países de concorrência atenuada, como o Brasil, sendo mais fácil a vida e maior a imprevidência, os efeitos imediatos desse fato não se evidenciam logo; mas, nos países de encarniçada luta industrial, são Patentes, discutidos. O primeiro é a limitação da prole. O casal, prevendo as dificuldades ou impossibilidade material de criar muitos filhos, ou mesmo um só, adota processos artificiais para impedir a concepção da mulher, ou, se a mulher concebe, apesar dos processos, recorre aos abortivos para conjugar o nascimento a termo. Não são raros mesmo os casos de infanticídio por miséria.

Entre os operários mais avançados, tem-se propagado até a greve dos ventres; isto é, a infecundidade sistemática dos casais proletários para não pôrem no mundo novos escravos. Homens concientes, esses trabalhadores reconhecem crime dar vida a seres fatalmente condenados, na sua generalidade, a servos do capital, a vítima da concorrência.

Assim, no regime capitalista, a fecundidade é punida com pe-

sado imposto; consequentemente, o celibato é um estado privilegiado.

60 — *Dificultação dos casamentos* — Compreende-se que, para os não possuidores, os não parasitas, a perspectiva de filhos por criar, portanto de permanentes impostos por pagar, não é alentadora. Fogem do casamento, adiam-no quanto podem ou fazem-no em condições precárias que vão tornar martírio a vida conjugal. Pode-se afirmar que a vida, para a média e pequena burguesias, e, mais ainda, para os proletários, é amargurada pela obrigação de proverem a subsistência dos filhos.

61 — *Trabalho de mulheres e menores* — A imprevidência, nesse caso, há de ser fatal, por força, à prole.

Assim, desde que a manutenção desta vai além dos recursos pecuniários do progenitor, a mãe vê-se forçada a auxiliar também, a empregar-se, a esfalfar-se para aumentar a receita doméstica. É inútil insistir aqui nos inconvenientes, reconhecidos por todos os higienistas e economistas desse trabalho feminino, que se tem de entender por todo o tempo da gestação e parto.

Mas as crianças, no lar proletário, mal atingem a idade de sete, oito ou dez anos, já os pais cuidam de empregá-las também. Temos, assim, seres fracos, incapazes do seguido e pesado esforço industrial escravizados à máquina, ao escritório, à lavoura, depauperando o corpo, tantas vezes morrendo prematuramente. Todos os médicos e sociólogos verberam esse mal, infelizmente por eles considerado, cegos que são irremediável. Realmente, a sociologia capitalista não tem solução para tal desgraça.

Em regime anarquista, os filhos não ficam a cargo dos pais, mas a cargo da comuna. São energias humanas, não familiares, mas sociais, cumprindo à sociedade, não desperdiçá-las, mas reforçá-las, poupá-las para que, em tempo, produzam todo o possível. O leitor verá, na segunda parte, como se fará isso.

62 — *Desamparo da velhice* — Um dos mais tristes espetáculos da sociedade burguesa é ver estendendo a mão à caridade pública tantos trabalhadores já tolhidos da velhice, depois de haverem por dezenas de anos, produzido para a sociedade madras-ta tudo quanto há de confortá-

vel. Mal o trabalhador vai fraquejando com os anos, começam os resmungos do contra-mestre, as queixas do patrão, a diminuição da tarefa e a concomitante redução de salário, até chegar o dia da despedida. Vemos assim, por exemplo, tipógrafos de vista cansada, cujo número de linhas compostas por dia vai pouco a pouco mingando. Vão sentindo o quebraimento físico e o indefectível quebraimento econômico até ceder o banco ao substituto moço. Começa então a fúria atrás de uma ocupação consentânea com sua idade e a progressiva miséria se o não ampararem filhos, genros ou amigos.

Tão dolorosa era a situação, que se criaram, por toda a parte, asilos da velhice desamparada mas; reconhecem todos a insuficiência da medida e o dispêndio enorme de energias que são tais casas. Além dos gastos de instalação, há todo um funcionalismo que pagar: porteiros faxinas, cozinheiros, copeiros, enfermeiros, irmãs de caridade, etc.

Em sociedade anárquica, esses velhos prosseguiriam nas suas fa-

mílias recebendo quanto precisassem como trabalhadores cujo capital, seu esforço de quarenta anos, merece juros. Não haveria despesas a mais, por serem cuidados pela comunidade toda, nem padeceriam o vexame de asilados. Seriam gloriosamente inválidos do trabalho.

63 — *Estafeta física e mental* — A concorrência impiedosa entre burgueses e a exploração usurária do proletário obrigam dois terços dos homens e mulheres a um sobrehumano esforço para vencer na vida. O homem que, normalmente, deveria trabalhar, no máximo, oito horas, é forçado a trabalhar dez, doze, quatorze, até dezesseis horas por dia para sustentar a si e aos seus. Esse excesso produz a estafeta, a sabre-carga corpórea e mental, o depauperamento nervoso, a astenia, contra a qual são imponentes as drogas. E, como o repouso é impossível aos trabalhadores; são eles as maiores vítimas do esgotamento.

(Continua)

# AÇÃO ANÁRQUICA

## Cá e lá é sempre o mesmo!

Traduzimos de L' Adunata dei Refrattari (15,6,46):

«Chega-nos um manifesto eleitoral do Partido Comunista Italiano dirigido «As forças da Segurança Pública».

O Partido Comunista solicita o voto dos esbirros e secretas; são votos que podem servir.

Para atribuir aos seus candidatos os votos dos esbirros e espões, enumera o manifesto as exigências e reivindicações «das forças de segurança pública que hoje montam a milhares de nomes e constituem ativa e indispensável categoria de trabalhadores».

Não se governa sem esbirros e espias e o *camarada* Togliatti, ministro da justiça, não teria que fazer se não houvesse a honrada categoria dos *trabalhadores* da espionagem e da delação.

Enumeradas as exigências e reivindicações desse infeliz pessoal, conclui o manifesto:

Agentes da P. S. Qual é o partido político que melhor tutelará os interesses das forças da P. S.?

E' o Partido Comunista Italiano.

Porque o Partido Comunista é o partido de todos os trabalhadores e de todo o povo e os agentes da P. S. também são trabalhadores e filhos do povo. Porque o Partido Comunista aprecia a função social dos Agentes da Segurança Pública, conhece suas exigências e lhes garantirá melhor futuro.

E dizer que ainda há quem considere o Partido Comunista como partido renovador, partido de progresso, partido de revolução!

Mas, onde vive essa gente?»

## SOMBRAS RUSSAS!

(Continuação da 1ª pag.)

alisador, espelhante, *afidalgado*, de tal modo que a milícia russa, aos olhos granfias, parecia uma soldadesca bruta com chefetes e chefes malcriados.

A Rússia civiliza-se! Tem disciplina estrita, mas educada, chibante, pimpona!

Revela mais o telegrama que o decreto «define novamente as relações entre os oficiais e os soldados uns para com os outros e seus deveres».

Agora é mais sombria a cousal! Por ali, há urgência de lembrar a oficiais e praças seus deveres mútuos! Possível? O mais admirável exército de todos os tempos precisa disso, deseie lembrete? Soldados e oficiais do exército *proletário* andam ignorando seus deveres? E quando, num exército de dura disciplina burguesa, soldados e oficiais desconhecem seus deveres, não se chama a isso *indisciplina* e não é a indisciplina sinal de descontentamento e não é o descontentamento prenúncio de revolta?

Ora, isso o confirma a própria folha russa advertindo, adiante, de que os militares devem cumprir *estritamente as ordens dos seus superiores*. Quem não sabe isso? Então, na Rússia, faz-se regulamento novo para ensinar isso? Então, é que *isso* não se tem verificado sempre, há sérias infrações, mais ou menos frequentes. E quando o jornal oficial na Rússia proclama isso, imagine-se qual a realidade!

Insiste mais o regulamento em que devem os militares «estar sempre prontos para sofrerem privações, dando a vida, se necessário, na execução dos seus deveres».

Sintomático isso! Já vimos, em outro telegrama, a situação de penúria, de sérias privações na Rússia, faltando até alimento para hospitais e orfanatos, com racionamento de carne, correndo até o Brasil (segundo país no atraso, conforme a sapiência prestista) a mandar feijão barato.

Agora, surge essa recomendação expressa a soldados e marinheiros: «Deveis estar sempre prontos para sofrerdes privações! Deveis dar a vida no cumprimento dos deveres!»

Não soa isso muito mal aos ouvidos não fanatizados? Parecemos ouvir: «Estais sofrendo privações, bem sabemos; mas, por favor, não rompais a disciplina. E' preferível que morrais de fome a vos revoltares. Que dirão, na estranja, do exército soviético? Por favor, sofri caladinhos, fazendo continência a sorrir, para que os de fora não perecbam nossa tremendíssima sinuca!» Não sabemos como é *sinuca* em russo, mas a linguagem das entrelinhas deve ser equivalente.

Porém, o final do telegrama, onde se fala em *honra militar* e outras cousas do burguesismo medieval, ilumina esse quadro com projetores elétricos. Copio religiosamente: «se um soldado de serviço descobrir saques ou estragos em propriedades militares, gasto ilegal de dinheiro ou uso indevido de suprimentos militares, fica obrigado a informar o seu comandante, podendo também enviar uma declaração por escrito ao chefe supremo».

Então, há saques em propriedades militares na Rússia? Se há saques nas militares, que se dirá das civis?

No sector militar, ha *gastos ilegais*? Tal qual no Brasil?

Há usos indevidos de suprimentos militares? E quem desvia tais suprimentos dos seus legítimos usos? São os soldados? São os oficiais? São os comandantes? Parece que a cousa vai até os comandantes, pois permite-se ao soldado que pule por cima destes (naturalmente quando forem estes os marotos) e se dirija directamente ao Chefe Supremo! Naturalmente, o Chefe Supremo que tem de tudo a farta, inclusive aguardente georgiana da melhor, não precisa de malusar os suprimentos.

Cá entre nós, não nos está

## NOTÍCIAS ANÁRQUICAS

— No dia 2 de junho, houve eleições em França para a nova Constituinte. Na Itália, no mesmo dia, o plebiscito pró ou contra a monarquia.

Os companheiros de *Le Libertaire* pregaram o abstencionismo político.

«O abstencionismo dos anarquistas é mais que um voto, disseram eles; é uma afirmação de nosso pensamento de homens livres. Mas, não se confunda nossa abstenção sistemática com a indiferença de alguns. Não nos venham dizer que não nos interessamos pelas questões sociais, nas quais, ao contrário, nos engolfamos.

Abstivemo-nos e abstermos-emos porque esse gênero de escrutínio é reconhecimento implícito do Estado que nós condenamos. Agir diversamente constitui, para nós, um contrassenso. Demais, não nos importa darmos nosso parecer sobre o melhor modo de fazer-nos devorar. Que suas senhorias os arrivistas e os politiqueros vão *ganhar* seu pão e condutos em outras cousas mais favoráveis. A experiência mostrou a inutilidade do voto. Deu a prova de que todas as reformas importantes de estrutura e todas as vitórias substanciais foram sempre conseguidas com a luta».

— A propaganda anárquica na Itália é verdadeiramente empolgante. A *Federazione Anarchica Romagnola* vai levando avante uma série de conferências concorridíssimas preferidas pelo companheiro Carlo Doglio. Para dar uma idéia do êxito colossal dessa propaganda basta dizerque, numa conferência, aos 12 de maio na Sala Farnese (Palácio d' Accursio) de Bolonha, sobre o *Ideal Anárquico* não houve lugar no salão e tiveram de ligar altofalantes para a praça apinhada.

Iguamente, Armando

cheirando esse uso indevido dos suprimentos a feroz *câmbio negro* operado pelos militares numa exploração sórdida (a 100, 200, 300 ou mais por cento.) da produção civil? E não padecem os soldados rasos dessa exploração? E não se queixam? não murmuram? não protestam?

Não serão esses protestos a causa dos novíssimos regulamentos?

O' santa pátria dos Trabalhadores!!!

Outra vez cá para nós, que ninguém nos escute: não parece o telegrama um eco longínquo do subterrâneo rumor revolucionário dos trabalhadores russos contra a feroz tirania ultratrazista de Stálin e companhia?

Borghí está fazendo *conferências diárias*, como as de 10 a 17 de maio, todas em Milão.

— Assombrosa tem sido a atividade do célebre companheiro Luigi Bertoni que, exilado na Suíça, publicava em francês e italiano o notável periódico *Il Risveglio Anárchico*.

Proibido pela *democrática* república suíça o *Risveglio*, Bertoni, nestes últimos três anos, publicou mais de 120 opúsculos de temas anárquicos.

*Ação Direta* já tomou providências para obter esses opúsculos.

## Conto do Vigário

João Luiz Ney

Ação católica... Economia capitalista... Diplomacia... Patriotismo... e Conferência da Paz, tudo isso é um conto do vigário.

Há um exército de economistas espalhados pelo mundo; uma legião de diplomatas passeiam de um a outro país; e um formigueiro de padres, freiras, pastores e franciscanos atropelam-nos, diariamente, pela rua. No entanto, essa gente «cult», êsses especialistas no trato da humanidade, passam pelos problemas e crises sociais, ignorando-lhes a solução exata, contagiando o público e pervertendo os alunos na escola da obediência, dos dogmas absurdos, da exploração organizada.

Se os vigaristas são robustos, corados e sadios, é porque fazem ginásticas com marombas alheias.

Reaparece a ação católica em socorro aos trabalhadores e aos oprimidos. Crêem nesse truque os astuciosos e ingênuos. Eu, por mim, não engulo semelhante droga.

Se há oprimidos, há opressores que, para isso, possuem a força. A força é patrimônio do Estado; e uma das molas do Estado é a Igreja. Na verdade, por meio de uma ação católica, como haverá defesa para o trabalhador, se este é oprimido e aquela, um dos fatores máximos da opressão estatal? Não desce... essa é uma hóstia feita de farinha de milho. Somente quem não conhece as ambições da Igreja vacila diante dessa armadilha. Hoje, já não nos pegarão desprevidos.

Em 1212, pela época das Cruzadas, galhofeiramente, formaram rebanhos, possuídos pela obsessão da fé, para os quais, todos os crimes praticados eram justificados pelo milagroso, cínico e desumano «DEUS O QUER».

Desenvolve todas as tuas forças!!! mas isto significa: desenvolve a anarquia!  
Nietzsche (Obras póstumas II, 425)

Essa foi também uma ação da Igreja, essa criminosa veterana que nunca se sentou no banco dos réus, mas na tribuna dos promotores e na cadeira dos juizes. Sua criminalidade, então, exagerou-se a ponto de formar, naquela época, a famosa Cruzada Infantil, posta em marcha para uma morte segura, sobre os cadáveres dos exércitos que fracassavam. E para isso, bastou anunciarem que «o Santo Sepulcro só podia ser libertado pelos menores de idade, com os quais Deus queria testemunhar ao mundo um milagre» e recua uma de azêmulas correu para os braços da morte.

Assim, sob o peso da fé, tem a Igreja condenado à ignorância, à fome, ao suicídio coletivo, à prostituição e ao desespero do pecado.

Uma vez malograda a unidade da fé, base de suas pretensões políticas de domínio, a Igreja fez-se mola do Estado, com ele compartilhando nas guerras, nas carnificinas, nos lucros extraordinários, no privilégio de chefes e senhores da humanidade. De braços dados, um é a segurança do outro. Nunca dois aproveitadores fizeram mais vantajosa sociedade.

Não acrediteis nesse novo engodo, amigos proletários. A vossa ação há de ser vossa mesma. Se hoje vos é pequena, sede perseverantes e amanhã vos será maior.

Se não quiserdes cair no alçapão de vossos opressores, fugi das promessas que vos fazem e procurai a vossa independência.

Não fabriqueis nunca as vossas próprias algemas. Sede livres. Amai a vossa personalidade antes que a exponham nos leilões do Vaticano.

Entramos na época da anarquia, quer dizer, a época mais livre para os indivíduos. Achase em transformação enorme força intelectual. Época da liberdade individual, até hoje impedida pela moral burguesa.  
Nietzsche (Obras póstumas II, 425)

O nome de Paris, a grande metrópole latina, evoca em nossa memória episódios históricos para os destinos da humanidade. Destacamos entre eles a *Tomada da Bastilha* no dia 14 de julho de 1789, feito sublime que havia de culminar na derrocada do Feudalismo e na promulgação dos *Direitos do Homem e do Cidadão*, e ao recordar essa data gloriosa não podemos esquecer os nomes de *Danton*, *Marat* e *Camille Desmoulins*, heróis da revolução de 93.

Depois... As jornadas de fevereiro de 1848 com a Segunda República e a figura grandiosa de Proudhon proclamando em pleno Parlamento: «—A propriedade privada é um roubo—»...

Finalmente a «—Comuna de Paris—» a epopéia maravilhosa de março de 1871. Entre os heróis, Luisa Michel e Eliseu Reclus, e, como epílogo da luta pela liberdade, os 30 000 mártires fuzilados sob os muros do cemitério de *Père Lachaise*.

Recordar é viver, e eu penso, com emoção profunda, nas horas agitadas vividas nesse Paris encantador, lá pelos anos de 1926-1927, e, se é certo que houve momentos de intensa amargura, não é menos certo que a alegria fez palpitar muitas vezes nossos corações. Era a luta pela liberdade, o exílio de homens que preferiam a miséria física à dor moral de viverem como escravos.

O fascismo que tantos males havia de causar à humanidade já imperava em muitos países da Europa; na Itália com Benito Mussolini, na Espanha com Primo de Rivera, na Grécia com o general Pangalos, e fascistas eram também os governos da Bulgária, România e Jugoslávia.

Nessas horas de angústia e perigo para a liberdade, Paris recebia em seu seio os emigrados das nações assoladas pela tirania, sendo em maior número os que chegavam da Itália e Espanha por terem estes países fronteiras comuns com a França.

#### Os italianos.

Num modesto quartinho do Bairro Latino, onde existe a histórica Sorbonne, tinha sua residência um dos maiores militantes do Movimento Libertário Italiano, *Armando Borghi* com sua estimada companheira e inteligente escritora anarquista *Virgília de Andrea*.

Aos domingos, pela tarde, eu

## EVOCANDO O PASSADO

# PARIS . . .

## A Sorbonne, o Bairro Latino Refúgios, de Homens Livres

por MANOEL PERES

ia visitá-los com o militante espanhol Pedro Orobón Fernández que morreu heróicamente durante a defesa de Madrid em 1936. Também acudiam a essas reuniões íntimas o grande escritor libertário *Christian Cornelissen* e *Agustin Gibanel*, do comitê da C. N. T. da Espanha e que morreu em Barcelona em 1935 quando era redator de «—*Solidaridad Obrera*—».

O último domingo em que visitei Armando Borghi, ele concertava os sapatos velhos, que a vida era dura em Paris para os refugiados que dificilmente podiam comprar algo novo. Virgília, sempre meiga e carinhosa com os companheiros, tocava com mestria o seu violino para distrair-nos...

Os refugiados italianos publicavam um semanário anarquista — *IL MONITO* — que era dirigido pelo conseqüente militante Hugo Treni e tinha a colaboração de Borghi e de Andrea.

#### Os Russos.

Também existiam refugiados russos em Paris, pois, na Pátria do Proletariado, não havia lugar para os anarquistas. Entre eles, citaremos a *Nestor Makhno* e sua inseparável companheira, e com o heróico libertador da Ucrânia, viviam também *Pedro Archinoff*, que escreveu a *História do Movimento Makhnovista*, o grande pensador *Vólin*, que acaba de morrer ainda no exílio e um jovem entusiasta que servia de intérprete, chamado Ranko. Com os exilados russos, colaboravam fraternalmente os búlgaros, gregos e rumenos.

#### Os Espanhóis.

Estes constituíam o núcleo mais numeroso figurando entre eles Miguel de Unamuno e Rodrigo Soriano, dois gênios da cultura ibérica que fugiram da ilha de Fuerteventura aonde os deportara o ditador Primo de Rivera.

Lá estava também o velho coronel Francisco Maciá que foi mais tarde o primeiro presidente da Catalunha e, com ele, Eduardo Ortega e Casset, Ventura Gassol, Casanova, e, como suprema ironia, o fatídico general

Queipo de Llano, então revolucionário e que mais tarde havia de ser traidor e carrasco do povo de seu vilhano...!

Existiam muitos militantes da U. G. T. *Union General de Trabajadores*, e do Partido Socialista Espanhol, sendo porém mais numeroso o núcleo formado pela C. N. T. e a F. A. I., *Confederación Nacional del Trabajo* e *Federación Anarquista Ibérica* por serem estes elementos mais perseguidos pela ditadura.

#### A Fundação da F. A. I.

Devo esclarecer para conhecimento dos leitores de «*Ação Direta*» que a F. A. I. foi fundada em 1926 em virtude de acordos tomados numa reunião plenária celebrada em Valência (Espanha) e no Congresso Anarquista de Marselha reunido em maio do mesmo ano. A esse congresso acudiram os seguintes delegados: Garcia Oliver, Perez Combina, Emilio Mira e Manoel Perez, pela Espanha, Manoel Joaquim de Souza por Portugal, Armando Borghi, pela Itália, Ferrandel, pela França, e Schápiro pela A. I. T. — *Associação Internacional dos Trabalhadores*.

Anteriormente à fundação da F. A. I. existiam a U. A. P. — *União Anarquista Portuguesa* e F. de G. A. de E. *Federación de Grupos Anarquistas de España* organismos estes que deixaram de existir já que a F. A. I. foi criada para unificar o movimento anarquista ibérico.

Entre os espanhóis refugiados em Paris é justo mencionar a *Durruti*, morto heroicamente durante a defesa de Madrid, *Francisco Ascaso*, morto no assalto ao Quartel de Atarazanas, no dia 19 de Julho de 1936, Garcia Oliver, Peerz Combina, Aurelio Fernandez, Pedro Orobón, Agustin Gibanel, Joaquim Cortes, Emilio Mira, Liberto Callejas e muitos outros cujos nomes seria difícil recordar neste momento.

#### — *Tiempos Nuevos* —

Os anarquistas espanhóis publicavam um semanário de idéias e de combate à ditadura. Primeiro tinha como título — *IBERION*; — suspenso pela polícia, reapareceu com o nome de — *LIBERION* — e finalmente, após nova suspensão, reapareceu com o nome de — *TIEMPOS NUEVOS* — nome que conservou até o fim da ditadura.

À frente de — *Tiempos Nuevos* — estava Valeriano Orobón, uma das maiores capacidades da C. N. T. Expulso em 1926, ocupou a direção Agustin Gibanel que mais tarde abandonou também o cargo em virtude de ser obrigado a sair de Paris, ficando, então, na redação, Rolando Marcel, Pedro Orobón e eu.

Pedro Orobón foi também expulso durante a repressão da polícia francesa contra os anarquistas espanhóis em virtude de um atentado contra Afonso XIII e que motivou o famoso processo contra Ascaso, Durruti e Jover passando a redação de —

*Tiempos Nuevos* — a ser composta por mim e por Liberto Callejas, ele como diretor e eu como administrador

#### A Sorbonne.

Não quero esquecer nesta crônica a histórica Sorbonne, o grande centro de cultura que constitui motivo de orgulho para os franceses. A Sorbonne era um lar carinhoso e amigo para os refugiados estrangeiros.

A Sorbonne está situada no *Bairro Latino* que os refugiados chamávamos — *A Universidade de Paris* — e diariamente em seus salões eram celebradas conferências em vários idiomas e todas elas de caráter antifascista sendo oradores refugiados das nações onde imperava a tirania fascista.

#### Os franceses e a C. G. T. S. R.

Em 1926, existiam na França duas organizações operárias, a C. G. T. *Confederação Geral do Trabalho* e a C. G. T. U. *Confederação Geral do Trabalho Unitária*, a primeira orientada pelos socialistas e a segunda pelos comunistas, ambas, por conseguinte, a serviço de partidos políticos.

Voltando às suas tradições revolucionárias, a parte consciente do proletariado decidiu fundar um organismo de classe que respondesse às necessidades do momento criando então a C. G. T. S. R. *Confederação Geral do Trabalho Sindicalista Revolucionária*, sendo nomeado seu primeiro secretário Pierre Besnard, militante de extraordinária cultura que escreveu um livro que tem como título. — *Os Sindicatos e a Revolução Social*. — A C. G. T. S. R. ainda existe hoje e, após a terminação da guerra, Besnard foi de novo nomeado seu secretário.

O movimento anarquista francês estava dividido em várias tendências: a mais importante seguia a orientação de Sebastião Faure, Pierre Besnard e Lucien Huarte, ou seja na *União Anarquista Francesa* que publicava o semanário — *Le Libertaire*. —

O individualista Emile Armand dedicava sua propaganda ao problema da educação sexual como método de orientação para a juventude, publicando o semanário *L' en dehors*. Armand não atuava na organização operária.

A figura mais interessante do movimento anarquista francês que conheci em Paris foi *Colomer* cujo dinamismo causava verdadeiro assombro. Embora de tendência individualista, ele, ajudado pela sua companheira que era também uma lutadora incansável, propagava com verdadeiro entusiasmo as idéias anarquistas entre os trabalhadores acudindo com frequência às reuniões da Bolsa do Trabalho.

O caso mais extraordinário é que ele e a companheira, completamente sós, escreviam, compunham e imprimiam um semanário intitulado — *L' Insurgé* — o que era feito numa pequena

tipografia instalada em seu próprio domicílio. Aos domingos de manhã, ele e a companheira acudiam aos Boulevards de Paris para venderem aos trabalhadores o seu jornalzinho...!

#### A luta continua.

Isto foi há vinte anos! Centenares de homens, perseguidos pela tirania fascista que imperava em seus países de origem procuravam refúgio em Paris e outros pontos da França onde lutavam intensamente pela causa da liberdade.

E foi da França que partiram, em 1931, os núcleos de militantes que haviam de reorganizar, na Espanha, a Confederação Nacional do Trabalho e o Movimento Libertário — F. A. I., — organismos poderosos que chegaram a agrupar em seu seio, *quatro milhões de trabalhadores* e esses trabalhadores heróicos que resistiram, durante três anos, às hordas de Franco, Hitler e Mussolini.

E a luta continua. E outra vez, em terras da França, um punhado de bravos aguarda o momento de transpor a fronteira para darem o golpe final contra a tirania franquista e instaurarem, na Espanha, um regime de *Liberdade e de Justiça*.

## Apelo

Temos de aumentar nossa tiragem; mas, como já dissemos outro dia, a venda avulsa dá enorme *deficit*. Só um meio há de arcarmos

com as despesas de maior tiragem. É estender-se a lista dos contribuintes e dobrar cada qual sua contribuição. Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios; não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma, não temos matéria paga.

Logó, apelamos para os entusiastas de *Ação Direta*. Procurem novos contribuintes. Dobrem ou tripliquem suas contribuições.

Atrás das palmas, a *ação direta*, ainda com sacrifícios.

## Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147. A-2º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

Propaguem  
**Ação Direta**

## Administração

1. Pede se insistentemente aos contribuintes de *Ação Direta* que não atrasem a remessa das suas contribuições. Qualquer atraso prejudica seriamente a marcha do semanário.

2. *Terra Y Libertad* acusa, em seu último número, a remessa, para a França, das quantias enviadas pelos *amigos de Espanha* do Rio e de S. Paulo, louvando nosso esforço. Preparemo-nos, quanto antes, para a segunda remessa de 250 dólares, ainda este mês. Os que já deram podem renovar sua dadaiva.

3. Um antifascista espanhol de S. Paulo enviou 100 cruzeiros para *Ação Direta*. Agradecemos penhorados.